

# **REPENSANDO O USO DA TRADUÇÃO NO CONTEXTO DA LITERATURA PÓS- COLONIAL: SRI AUROBINDO, AUTOR INDIANO**

## **RESUMO**

O trabalho busca localizar a atividade tradutória de Sri Aurobindo dentro de uma literatura pós-colonial. Duas questões são consideradas: 1) Sob que perspectiva literária atuou, enquanto tradutor, Sri Aurobindo? 2) Para quem traduziu Sri Aurobindo?

## **ABSTRACT**

This article aims at placing the translational activities of Sri Aurobindo in a post-colonial literature. Two problems can thus be faced: 1) Under which literary perspective has Sri Aurobindo translated? 2) To whom has Sri Aurobindo translated?

Diante do número crescente de trabalhos<sup>1</sup> sobre o tema “tradução”, torna-se, às vezes, necessário tomar uma distância do objeto de estudo e perguntar-se, de maneira um tanto heideggeriana: “Tradução – o que é isto?” O estranhamento instaurado por esta questão pode levar-nos a terras distantes e a autores aparentemente exóticos. A Índia tem, nesse sentido, se revelado, para muitos, como o repositório de olhares esperançosos de um cansado mundo ocidental<sup>2</sup>. Segundo Chenet<sup>3</sup>

O imaginário da Índia participou há muito tempo do velho sonho de um estado ideal ou nascente da humanidade, que um sfumato propício situava em um continente longínquo que mergulhava suas raízes na noite dos tempos (...) é, no mínimo, surpreendente constatar-se que esse imaginário das origens continua a exercer seu fascínio sobre autores contemporâneos<sup>4</sup>.

O aproximarmo-nos de autores do mundo oriental constitui-se, então, em uma tentativa de quase filiação a uma genealogia frutuosa, talvez, de uma “nostalgia do sagrado”, na expressão de Pageaux.<sup>5</sup> Dentre os autores que escrevem em inglês na Índia, Sri Aurobindo (1872-1950) aparece, para os estudos da tradução, como um autor de interesse, pelas circunstâncias em que exerceu seu ofício e pela pura quantidade de sua obra literária. Ele aprendeu a língua inglesa como falante nativo, no período em que residiu na Inglaterra, dos sete aos vinte e um anos de idade, que incluiu estudos literários em Cambridge. Suas obras completas, em trinta volumes, apresentam, no volume 8, traduções de diversos autores clássicos indianos<sup>6</sup> e, nos volumes 28 e 29, a tradução recriadora do poema “Savitri”, contido no épico sânscrito *Mahabharata*. É a tradução deste último poema, realizada durante décadas e acelerada nos últimos anos de vida de Sri Aurobindo, que aqui nos interessará<sup>7</sup>. Trata-se, então, de levantar hipóteses que

respondam a duas perguntas: sob que perspectiva literária atuou, enquanto tradutor, Sri Aurobindo? Para quem traduz Sri Aurobindo?

Como primeira colocação deste trabalho, apresenta-se o fato de ter sido Sri Aurobindo um escritor pós-colonial *tout court*. Ashcroft<sup>8</sup> usa o termo *pós-colonial* para “cobrir toda a cultura afetada pelo processo colonial, do momento da colonização até os dias de hoje”. Diante do interesse do conceito para os objetivos do trabalho, vale demorarmo-nos um pouco sobre o que seja “pós-colonialismo”. Niranjana<sup>9</sup> descreve o discurso colonial como “o corpo de conhecimentos, modos de representação, estratégias de poder, leis, disciplina etc., que são empregados na construção e dominação de sujeitos coloniais”. Segundo essa autora, seria ingênuo acreditar que a transferência de poder marca o fim da dominação<sup>10</sup>. Ela continua através do discurso colonial<sup>11</sup>. Fazendo uma reflexão que abarca a literatura indiana em inglês do século 19 até os dias de hoje, Machwe, em saborosa formulação<sup>12</sup>, reconhece a persistência de atitudes colonizadas no contexto indiano:

Quando as relações indo-britânicas estavam no auge, todos os nomes próprios e instituições da Grã-Bretanha sofreram imitação. Estavam na moda. Quando os Estados Unidos eram nossos maiores fornecedores de ajuda e absorviam nosso êxodo de cérebros, inúmeras vulgaridades ianques penetraram em nossa literatura e artes, mesmo que inconscientemente. Quando a Rússia era nossa maior aliada, os hotéis 'Tashkent', Teatros do Povo, Dramas da classe Operária e até 'Vodka e Borsh' tornaram-se presentes em toda parte. Na verdade, nossa liberdade nas artes e literatura é determinada por considerações externas. O adágio feudal [em sânscrito] ainda é válido: *Yatba Raja tatba Praja* (Tal rei, tal súdito).

Introduzindo uma nuance nessa discussão, Niranjana reconhece que, embora muitos críticos do imperialismo descrevam as sociedades do Terceiro Mundo contemporâneo como 'neocoloniais', o termo *pós-colonial* pode ser empregado para não minimizar as forças que trabalham contra a dominação colonial e neocolonial nessas sociedades. E frisa: “Tenho em mente especialmente o contexto indiano”<sup>13</sup>. Spivak, contudo, relembra que a utilização dos termos *colonial*, *pós-colonial* é “estratégica”, mesmo que tenhamos de dar a esses termos uma essência: “Não é possível, dentro do discurso, escapar totalmente à essencialização”<sup>14</sup>.

Isto posto, voltemo-nos para o estudo de Sri Aurobindo enquanto autor pós-colonial., mostrando, em primeiro lugar, como o caráter revolucionário em potencial da tradução pode ser ativado, o que já está explícito em Vieira<sup>15</sup>. Jacquemond<sup>16</sup> distingue dois tipos ideais de tradução correspondentes a dois

mentos sucessivos do encontro cultural: o momento colonial e o momento pós-colonial. Para esse crítico, trata-se de dois tipos ideais, que não correspondem necessariamente à colonização ou à descolonização política. Niranjana<sup>17</sup>, a esse respeito, vê a tradução “como uma prática que dá forma às relações assimétricas de poder que operam sob o colonialismo, tomando também forma dentro delas”.

Agora, a tarefa de repensar os “usos” da tradução se apresenta sob a forma de: “reinscrever seu potencial como estratégia de resistência”<sup>18</sup>. A autora argumenta que, ao considerar a tradução, pode-se compreender melhor a força persistente do discurso colonial, aprendendo-se também a subvertê-lo. Segundo Niranjana, a palavra *tradução* é usada não apenas para indicar um processo interlingual, mas para nomear toda uma problemática<sup>19</sup>. Essa última observação de Niranjana parece-me ser de valor para uma abertura, no sentido de abranger-se todo um leque de possibilidades de “estratégias e resistência” que, sob uma visão mais estrita de tradução, passariam despercebidas. Tal é o caso, a meu ver, do poema épico *Savitri*. O poema, apresenta-se como que uma “explosão” dos horizontes limitados da experiência de tipo colonial na qual a Índia atuou apenas como elemento portador de elementos culturais. Ao traduzir *Savitri*, apropriando-se da língua inglesa, Sri Aurobindo universaliza a lenda hindu, desenhando, assim, um amplo painel de possibilidades de resistência ao neocolonialismo. Uma das preocupações principais de outro trabalho meu<sup>20</sup> é a identificação, em Sri Aurobindo, de uma busca do centro (hindu), que se traduz na composição de *Savitri* (aceitando-se, como ponto de partida, que o sujeito está essencialmente centrado, no sentido de que ele não é esquizofrênico ou psicótico). Essa busca de um centro corresponde ao que Mignolo<sup>21</sup> identifica como tentativa, no discurso pós-colonial, de construção de um lugar de enunciação alternativo (alternative locus of enunciation). Uma motivação acessível para essa busca de um centro decorre da situação, já descrita por Sheila Perrone-Moisés<sup>22</sup> daquele que está “pouco à vontade – como todos nós – em seu lugar geográfico e histórico”. Ashcroft, contudo, reconhece que a abrogação do centro imperial não acarreta a construção de um novo centro, uma vez que “sem ‘centro’, o marginal torna-se o constituinte alternativo da realidade”<sup>23</sup>. Ele ilustra essa afirmação através do recurso ao romance de Janet Frame *The Edge of the Alphabet*. Um de seus personagens, Toby, originário da Nova Zelândia, viaja a Londres “para encontrar seu ‘centro’ (to find his ‘centre’). Desejando ver um circo/círculo, ele toma o ônibus para Picadilly Circus (isto é, a imagem arquetípica do centro do império, por sua localização central em Londres). Descobre, então, que não há um circo que possa ser visto. Para Ashcroft<sup>24</sup> “a ilusão de Picadilly Circus símbolo da ficção da centralidade...”.

Uma outra questão que aqui se levanta é aquela que diz respeito ao destinatário da literatura feita por Sri Aurobindo, enquanto tradução. Com efeito, em um certo sentido, o labor tradutório de Sri Aurobindo seria, para os indianos, desnecessário, uma vez que eles têm acesso às obras do *corpus* traduzido (extraído dos épicos clássicos e de Kalidasa) em sânscrito ou nas línguas indianas. Vê-se então como a tradução se coloca enquanto uma afirmação perante o colonizador. Na verdade, trata-se de um jogo duplo. Ao colocar *Savitri* em inglês, Sri Aurobindo está universalizando a cultura indiana, ao trazer algo muito característico do hinduísmo para um novo contexto linguístico-cultural<sup>25</sup>. Também, ao anglicizar *Savitri*, ele está indianizando a língua inglesa. Por outro lado, como reconhece Machwe<sup>26</sup>, muito pouco da literatura indo-inglesa é traduzido para as línguas indianas, com exceção dos poemas de Sri Aurobindo! Com efeito, de minha própria experiência, posso dizer que chama a atenção, nas duas livrarias de Pondicherry, Índia, a quantidade de títulos de Sri Aurobindo publicados em inglês e nas mais diversas línguas indianas, à venda lado a lado nas prateleiras. A rigor, isso mostra uma consciência do “potencial revolucionário” da tradução enquanto estratégia de resistência ao discurso colonial por parte dos responsáveis pelo legado literário de Sri Aurobindo: expor tantas traduções nas línguas locais ao lado do texto em inglês constitui-se em um ato político. Reflete-se aqui também uma consciência da necessidade de controle dos meios de comunicação<sup>27</sup>, através da vigorosa atividade de publicações por parte da editora do Ashram Sri Aurobindo. Esse fato torna-se mais marcante se atentarmos para uma realidade na qual o mercado editorial na Índia mostra uma situação em que as editoras locais sofrem a concorrência de subsidiárias de poderosas editoras de países do mundo anglofone (p. ex., *Oxford University Press*, *The Macmillan*, *Cambridge University Press*). Essas publicam livros, cujas edições apareceram primeiro em seus países-sede. Em resumo, a atribuição estratégica do título de autor pós-colonial a Sri Aurobindo mostra-se fundamentada, diante do que foi exposto nesse trabalho sobre a tradução em sua obra.

# NOTAS

Este trabalho deriva de minha tese de doutoramento, apresentada à UFMG em 1994, tendo por título: "Sabor e Som: Sri Aurobindo, tradutor indiano (a busca de um centro em *Auroville* e *Savitri*)".

No dizer de André Bareau: "Rever l'Inde...on devrait plutôt dire: "Rever les Indes", ant elles sont nombreuses et surtout différentes les unes des autres.

CHENET, Sublime et monstrueuse: l'Inde au miroir de la littérature contemporaine, p.75.

Esta tradução e todas as demais são de minha autoria.

PAGEAUX. Da literatura comparada à teoria literária: elementos de reflexão, p. 12.

Do sânscrito, ele traduziu o *Meghadutta* de Kalidasa (o manuscrito da tradução perdeu-se) e, também desse autor clássico, o *Vikramorvasie*. De Bhartrihari, o *Nittibataka*. Também traduziu muitos versos líricos de Chandidas, Vidyapati e muitos outros poetas de Bengala.

Os 700 versos da lenda de Savitri no Mahabharata sânscrito transformam-se, nas mãos de Sri Aurobindo, em um épico de 24.000 versos, não havendo diferenças fundamentais no enredo básico.

ASHCROFT, *The Empire Writes Back*, p. 2.

NIRANJANA. *Siting Translation*, p. 7.

Idem, *ibidem*.

NIRANJANA. *Siting Translation*, p. 7n.

MACHWE. *Modernity and contemporary Indian literature*, p. 139.

NIRANJANA. Idem, *ibidem*.

SPIVAK. *The post-colonial critic*, p. 51.

VIEIRA. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. *passim*.

JACQUEMOND. Translation and cultural hegemony: the case of French-Arabic translation, p. 155.

NIRANJANA. *Siting Translation*, p. 2.

*Ibidem*, p. 7.

*Ibidem*, p.8.

Gohn, *Sri Aurobindo, tradutor Indiano*.

MIGNOLO. Colonial and Postcolonial Discourse: Cultural Critique or Academic Colonialism? p. 124.

PERRONE-MOISÉS. *Flores da Escrivania*, p. 124.

ASHCROFT. *The Empire Writes Back*, p. 104.

*Ibidem*, p. 109.

<sup>6</sup> Ashcroft (p. 33) retoma a expressão de Salman Rushdie “the empire writes back” (que poderíamos traduzir como “o império contra-escreve” – para o centro imperial) em termos da afirmação de uma posição nacionalista que se proclama auto-determinada. Sri Aurobindo, ao apropriar-se da língua inglesa criativamente em *Savitri* estaria também contraescrevendo para o centro imperial.

<sup>2</sup> MACIWE. *Modernity and contemporary Indian literature*, p. 125.

<sup>7</sup> Cf. ASHCROFT. *The Empire Writes Back*, p. 78.

## BIBLIOGRAFIA

- ASHCROFT, Bill. *The Empire Write Back: theory and practice in Post- Colonial Literature*. London: Routledge, 1989.
- CHENET, François. Sublime et mosntrieuse: l'Inde au miroir de lq littérature contemporaine. *Corps Écrit*, 34, Rêver l'Inde. PUF, 1990, p. 75-84.
- GOHN, Carlos Alberto. *Sabor e Som: Sri Aurobindo, Tradutor Indiano* (A busca de um centro em Auroville e Savitri). Tese de Doutorado inédita. Belo Horizonte: UFMG, 1994.
- JACQUEMOND, Richard. Translation and cultural hegemony: the case of French-Arabic translation. In: VENU'U, Lawrence (ed) *Rethinking Translation: discourse, subjectivity, ideology*. London: Routledge, 1992.
- MACWE, Prabhakar. *Modernity and contemporary Indian literature*. New Delhi: Chetana Publications, 1978.
- MIGNOLO, Walter D. Colonial and Postcolonial Discourse: Cultural Critique or Academic Colonialism? *Latin American Research Review* 28, no. 3, Albuquerque: University of New Mexico, 1993, p. 120- 134.
- NIRANJANA, Tejaswini. *Siting Translation: history, post- structuralism and the colonial context*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- PAGEAUX, Daniel-Henri. Da literatura comparada à teoria literária: elementos de reflexão. *Revista Tempo Brasileiro* vol 11, no. 28, Rio de Janeiro, jul-dez 1993, p. 114-115.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da Escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *The post-colonial critic: interviews, strategies, dialogues*. HARASYM, S (ed), New York: Routledge, 1990.
- SRI AUROBINDO. *Savitri*. Sri Aurobindo Birth Centenary Library, vol. 28,29. Pondicherry, 1972.
- VIEIRA, Else Pires. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Tese de doutoramento inédita. Belo Horizonte: UFMG, 1992.

